

O IMPACTO DOS ÍNDICES BIBLIOMÉTRICOS

Escândalos rondam os periódicos científicos brasileiros. As regras do jogo foram forçadas, talvez rompidas. O tema refere-se à situação dos quatro periódicos brasileiros, entre outros 67 em diferentes países, suspensos do JournalCitationReports (JCR), ficando sem fator de impacto no ano de 2012. Após a análise bibliométrica anual, houve a identificação de anomalias, o que gerou a suspeita de indução cruzada de citações entre as revistas, manobra que teria ampliado “artificialmente” as médias de suas próprias citações.

Na lógica do JCR, o cálculo do impacto dos artigos publicados por uma revista indica, em alguma medida, o grau de importância do periódico. Este índice, em outras palavras, indicaria a capacidade de uma dada revista atuar como espaço e veículo privilegiado para socialização do conhecimento.

A partir dessa perspectiva, realmente parecem ter sido rompidas as regras do jogo. Alguns argumentos de editores afetados indicam que especialmente artigos de tipo meta-análises tendem a causar essa distorção. Além disso, há que se considerar o pequeno número de periódicos brasileiros avaliados como de primeiro extrato pelo Qualis Capes em vários campos de pesquisa, o que acaba gerando uma corrida dos pesquisadores a essas poucas revistas. Observa-se no país, de fato, uma ampliação exponencial da produção científica, desdobramento, em certa medida, de uma política de avaliação que induz a adoção de artigos em periódicos como veículo privilegiado de divulgação científica; uma importante variável nesse contexto, que interfere fortemente nos indicadores bibliométricos e que deve, por isso, ser seriamente levada em consideração para compreender a situação dos quatro periódicos sob suspeita.

Considerando-se a anterior forma de avaliação da produtividade científica pelo número total de produtos publicados, o fator de impacto dos periódicos parece colocar-se como um avanço. É também esse o argumento para o uso do índice h, o h-index que se coloca como uma alternativa para medir a produtividade de pesquisadores levando em consideração a quantidade de artigos de mesma autoria e a quantidade de citações recebidas em cada um desses produtos, devendo o índice h resultar em um mesmo número, mutuamente equivalente

(HIRSCH, 2005). Tal índice propõe-se a evitar distorções que a média aritmética pura poderia gerar, ainda que devam se contextualizar os resultados em cada campo de pesquisa e nas biografias de cada pesquisador.

O índice de impacto tem sido mais utilizado para avaliar revistas, áreas do conhecimento ou produção científica de países, enquanto o índice h vem sendo mais utilizado para medir a produtividade dos pesquisadores, argumentando pela união da qualidade à quantidade. Identificam-se, ainda, periódicos e pesquisadores que se colocam, por diferentes razões, a trabalhar com outras lógicas.

Uma métrica individual on-line calculada pela quantidade de acesso e compartilhamento de cada artigo em redes sociais é a forma como Revista PLOS ONE (2008-) vem se organizado. Mais que isso, a revista apresenta uma taxa de aceitação de artigos acima de 70%, política defendida por seu editor sênior, Eric Martens, que esteve recentemente no Brasil e argumentou:

Enquanto muitas revistas rejeitam até 90% dos artigos submetidos para elevar seu fator de impacto, a PLoSOne tem uma filosofia única: todas as pesquisas consistentes do ponto de vista ético e científico, que contribuem de alguma forma para o conhecimento de uma determinada área, devem ser publicadas e ter acesso livre. Não rejeitamos um artigo com base em seu suposto impacto (TOLEDO, 2013, p. 1).

O fato é que os indicadores bibliométricos vêm sendo utilizados em escala cada vez maior, para finalidades cada vez mais diversas. Um exemplo de uso acadêmico do índice h no campo da Educação Física foi o estudo comparativo dos níveis de produtividade de pesquisadores de Brasil e Espanha recentemente publicado (REVERTER MASSIÀ et al., 2013). O índice de impacto do JCR também é utilizado para finalidades menos acadêmicas, como é o caso do Ranking Universitário da Folha (RANKING..., 2013), divulgado neste mês de setembro.

Alguns questionamentos poderiam ser feitos: seu uso não estaria sendo extrapolado, criando distorções não apenas nos próprios índices, mas nos modos de produção do conhecimento e na adequação de suas formas de divulgação científica? Por que políticas científicas go-

vernamentais conferem importância quase exclusiva às bases Scopus e Web of Science para construção de seus parâmetros de avaliação, como o faz o Brasil através de seu Qualis Periódicos? Ambas as bases de dados são propriedades de empresas privadas, Elsevier e Thomson Reuters, respectivamente; grandes conglomerados que também publicam e comercializam revistas, além de softwares de catalogação e análises de dados, bem como vários outros produtos relacionados, apresentando direto interesse no processo e resultado dessas avaliações. Por que outros empreendimentos, como a rede SciELO, no Brasil, o Redalyc, na América Latina, ou ASIAJOL, na Ásia, que priorizam políticas de acesso aberto, além de estarem mais próximas das comunidades acadêmicas fora do eixo Europa-Estados Unidos, não tem sido suficientemente considerados como mecanismo para avaliação de produtividade, tal como indicado pelo UNESCO (SWAN, 2013)?

Questionamentos que parecem importantes para nos mantermos alertas nesse contexto do crescente impacto dos índices bibliométricos. Difícil tarefa aos editores e autores.

Boa leitura!

Cleber Dias
Ana Márcia Silva
Editores

Referências

HIRSCH, J.E. An index to quantify and individual's scientific research output. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, Boston, v. 102, n. 46, p. 16569-16572, set., 2005. Disponível em: <<http://arxiv.org/pdf/physics/0508025v5.pdf>>. Acesso: 09 set. 2013.

RANKING universitário Folha. **Folha de São Paulo**, São Paulo, set. 2013. Disponível em <<http://ruf.folha.uol.com.br/2013/>>. Acesso em 13 set. 2013.

REVERTER MASSIÀ, J. et al. La productividad científica en WoS y el índice h de Hirsch del área de Educación Física en España y Brasil: productividad y comparación entre países. **Revista Movimento**, v. 19, n. 3, p. 125-147, jul./set., 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/36582/26021>>. Acesso em 09 set. 2013.

REVISTA PLOS ONE. San Francisco, Califórnia: PLOS, 2008-. ISSN 1932-6203. Disponível em <<http://www.plosone.org/>>. Acesso em 13 set. 2013.

SWAN, A. **Guia UNESCO para políticas de desenvolvimento e promoção do acesso aberto**. Paris: UNESCO, 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002225/222536S.pdf>>. Acesso em 10 set. 2013.

TOLEDO, K. Transformando a comunicação científica. **Agência Fapesp**, São Paulo, 11 set. 2013. Disponível em <<http://agencia.fapesp.br/17851>>. Acesso em 13 set. 2013.